

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

CÉSAR AUGUSTO BÚRIGO

**INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES**

CRICIÚMA

2012

CÉSAR AUGUSTO BÚRIGO

**INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Educação Física – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Robinalva Borges Ferreira

CRICIÚMA

2012

CÉSAR AUGUSTO BÚRIGO

**INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Educação Física – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 26 de Novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Robinalva Borges Ferreira – Ma. - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Elisa de Fátima Estradioto – Ma.

Prof^a. Simone das Graças Nogueira Feltrin - (UNESC)

Dedico este trabalho aos melhores exemplos que pude ter, sem eles não estaria aqui, José e Clair, por tudo que fizeram até hoje por min.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, José e Clair, que sempre foram a base para o que sou hoje, e sempre forneceram a estrutura necessária para este momento estar acontecendo.

A minha irmã Nicole pelos momentos de paciência e pela assistência prestada nos momentos difíceis.

A minha orientadora Robinalva, pelo suporte, pelas correções e instruções, foi uma ótima orientadora.

A Elisa, que deu início a este trabalho.

Aos demais professores que tive em todos os semestres e aos colegas que obtive neste percurso.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

“A inclusão escolar começa na alma do professor, contagia seus sonhos e amplia seus ideais. A utopia pode ter muitos defeitos, mas pelo menos, uma virtude tem: ela nos faz caminhar.”

Eugênio Cunha

RESUMO

A inclusão é um tema que tem gerado muitas discussões na sociedade, incluso nas escolas. Muitas são as perguntas como: estamos incluindo ou excluindo? Como está esta realidade? Como está a inclusão nas aulas de Educação Física. Pensando nestas questões este trabalho teve como objetivo geral verificar as dificuldades e possibilidades para a inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física. Como problema, quais as dificuldades e as possibilidades dos professores de Educação Física incluir os alunos com deficiência nas suas aulas? Este trabalho apresenta a legislação, Declaração de Salamanca, conceito de inclusão e algumas deficiências dos estudantes que estão na escola. Foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de entrevista com quatro professores de Educação Física, no sentido de alcançarmos os objetivos estabelecidos. Os principais resultados foram os seguintes: quanto as dificuldades para incluir os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física: falta de conhecimento específico, falta de acessibilidade nas escolas, diversidade de deficiências, falta de formação continuada, conseguir incluí-los efetivamente nas atividades propostas. Quanto às possibilidades de inclusão dos alunos, os professores destacaram o respeito entre os alunos como premissa básica, e sempre possibilitar ao aluno deficiente alguma atividade mantendo-o ativo em sua aula.

Palavras-chave: Educação Física. Inclusão. Escolas. Deficientes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
GERED	Gerência Regional de Educação de Araranguá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 AS LEIS REFERENTES ÀS ESCOLAS	11
2.1.1 A DECLARAÇÃO DE SALAMANCA	13
2.2 ALGUMAS DEFICIÊNCIAS ENCONTRADAS NAS ESCOLAS	14
2.3 A INCLUSÃO	16
3 METODOLOGIA	19
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	21
5 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE(S).....	30
APÊNDICE A.....	31
APÊNDICE B	33
ANEXO(S).....	35
ANEXO A.....	36

1 INTRODUÇÃO

Desenvolvemos este trabalho a fim de esclarecer algumas dúvidas que ainda existem na sociedade sobre a inclusão no ambiente escolar, mais precisamente a inclusão de alunos com deficiência.

Como vivemos em sociedade, é comum o desacordo entre as pessoas frente a vários assuntos, cada um tem sua opinião e conhecimento. E quanto a temática inclusão não é diferente.

No estágio supervisionado II realizado na 6ª fase do curso de Educação Física – Licenciatura tive um ótimo contato com um aluno com deficiência, o mesmo me encantou com sua força de vontade para realizar as atividades, diferente dos depoimentos de outros acadêmicos.

Este trabalho surgiu, portanto, da necessidade de um aprofundamento teórico sobre a temática da inclusão. Neste sentido, este estudo tem como **tema** Inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física: dificuldades e possibilidades.

Como **problema** da pesquisa, quais as dificuldades e as possibilidades dos professores de Educação Física incluir os alunos com deficiência nas suas aulas?

Apresentaremos a seguir as **questões que nortearão** este trabalho:

Quais dificuldades os professores enfrentam para incluir os estudantes com deficiência nas suas aulas?

Qual o tratamento do professor com estudante com deficiência?

Optamos pelo seguinte **objetivo geral**, Verificar as dificuldades e possibilidades para a inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física. A partir do objetivo geral traçamos os seguintes **objetivos específicos**:

Identificar as formas de inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física;

Verificar como o preconceito em relação aos estudantes com deficiência está presente nas aulas de Educação Física;

Identificar a relação professor e aluno com deficiência nas aulas de Educação Física.

Para desenvolver o estudo optamos pela realização da pesquisa de campo, aprofundando teoricamente a temática e posteriormente realizando a entrevista com os professores de Educação Física.

O trabalho foi estruturado em três capítulos: Fundamentação teórica integrada pelas leis referente às escolas, que buscará mostrar um pouco sobre as normas que a LDB e os PCNs tem em seus documentos relativos à inclusão nas escolas, Declaração de Salamanca, exemplos de algumas deficiências encontradas nas escolas onde irá mostrar as deficiências e como agir diante delas e sobre a inclusão. Metodologia, Apresentação e Análise de Dados, além de conclusão, referências e apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AS LEIS REFERENTES ÀS ESCOLAS

Sabemos que a inclusão não ocorre igualmente em todas as escolas, e quando ocorre não se dá 100% de atenção para o aluno com deficiência, ele é deixado de lado, como um objeto na sala de aula, tem-se a inclusão, porém ela não é trabalhada como deveria ser.

A legislação busca sempre trazer melhorias que garantam ao aluno educação de qualidade, para isso, são formuladas leis onde as escolas têm de se adequarem, tanto no âmbito social, intelectual e na própria infra-estrutura da escola. Estas mudanças devem ser analisadas a partir dos problemas encontrados pelos alunos nas escolas, acessibilidade para a questão física do aluno, tanto quanto o apoio metodológico que a escola garante a ele.

Com os avanços teóricos na Educação, incluindo a Educação Física, novos métodos de abordagens vêm se criando, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, vêm contribuindo na questão de participar na “formação de cidadãos críticos, participativos e com responsabilidades sociais”. Porém, todos estes avanços críticos no pensamento de Educação Física ainda estão mentalizados no corpo, pois muitos professores ainda buscam o rendimento, o esporte, e esquece-se de trabalhar a construção do ser humano interiormente, preparando-o para o meio social.

A LDB apresenta em seu artigo 26 no parágrafo 3º, que a Educação Física está integrada a proposta pedagógica da escola, ela é componente curricular da educação básica, ajustando-se às condições da população escolar. Então como pode nos dias de hoje, com todos os estudos feitos em cima deste tema, ela continuar com este modelo de rendimento, o qual valoriza mais o aluno que pratica o esporte e trabalha o seu rendimento, uma vez que a Educação Física tem como objetivo que a criança por meio de atividades corporais, conheça a si próprio e aos outros e que principalmente respeite as individualidades. (SEYBOLD, 1994).

Segundo os PCNs, que é um documento que traz subsídios para os professores de Educação Física, no qual a proposta curricular é incluir os temas transversais nas aulas, que são Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural e Orientação para Trabalho e Consumo, o professor tem de

estimular uma reflexão, para formar cidadãos pensantes para o meio social onde vivem, e não formar atletas. Assim função da Educação Física seria de formar cidadãos e não formar atletas, tendo visto que um de seus principais objetivos no ensino fundamental é que os alunos sejam capazes de “participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características, físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características, pessoais, físicas, sexuais ou sociais.” (BRASIL, 1998, p.43)

No âmbito da educação inclusiva, que prevê a integração e aceitação do aluno deficiente na escola, tudo começou em 1994, quando foi elaborada a Declaração de Salamanca, que defendia a questão da escola inclusiva, ou seja, uma escola capaz de receber e acomodar qualquer criança independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas entre outras.

A Declaração de Salamanca (1994, p.11) aponta que:

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em que todos os alunos devam aprender juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, [...]

A partir desta declaração, vários debates foram feitos buscando sempre melhorar o cotidiano escolar dos alunos com deficiência. Porém neste cotidiano, os alunos com deficiência só ingressariam na escola quando estivessem aptos e preparados para acompanhar a turma. Esse sistema é a integração, na qual a pessoa com deficiência é preparada para conviver em sociedade, diferenciando-se da inclusão, na qual a sociedade é modificada para receber e dar oportunidades a esse indivíduo. (SASSAKI, 2006).

Quando é realizada uma adaptação da Educação Física para um aluno, já está sendo proporcionada uma inclusão. O mesmo ocorre com um aluno com deficiência, o professor deve adaptar uma atividade para que o aluno consiga realizá-la, respeitando os limites individuais, ao mesmo tempo possibilitando um avanço para este aluno.

Ao longo dos anos muitos debates ocorreram a fim de encontrar a nomenclatura correta para pessoas com deficiência, sendo assim em 15 de outubro

de 2010 foi publicada a Declaração de nº1 onde substitui a Resolução nº 35, de 6 de julho de 2005, fazendo com que onde se lê “Pessoas Portador de Deficiência”, passe para “Pessoa com Deficiência”.

Isso se deu pelo motivo de que a deficiência não é algo que a pessoa porta, quando se porta algo, pode-se deixar ou levar para algum lugar, neste caso a pessoa possui em si a deficiência.

Quando se fala pessoa com necessidades especiais, também se deve ter certo cuidado, pois não se trata somente de pessoas com deficiência, esta nomenclatura aborda um geral, como idosos, pessoas com crianças de colo, obesos, etc.

De tal modo neste trabalho a nomenclatura utilizada será a de “Pessoas com Deficiência”, como determina a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da Republica.

2.1.1 A DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

De 7 a 10 de Junho de 1994, acontecia a Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, situada na Espanha. Contando com a presença de mais de 300 participantes, entre governos, organizações internacionais e a participação da UNESCO – União das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura, partiu com intuito de proporcionar educação para todos, examinando e realizando uma reforma nos sistemas educacionais, tendo como objetivo o movimento da inclusão social, capacitando às escolas atenderem todas as crianças, principalmente as com necessidades especiais.

É considerado um dos principais documentos mundiais, com finalidade a inclusão social. Logo ela busca atender todas as crianças, traçando aspectos que possam influenciar em uma má formação, partindo das que são forçadas a trabalhar, as que passam dificuldades financeiras, as que têm moradia longe das escolas, que vivem na rua, que sofrem de abusos físicos, emocionais e sexuais, por qualquer motivo que seja.

Busca ainda a reformulação da escola, seguindo um método em que todos os alunos devam aprender juntos, independente das diferenças ou dificuldades encontradas. Cabe à escola acomodar-se aos diferentes ritmos de aprendizagem,

reconhecendo as necessidades dos alunos e assegurando um ensino de qualidade a todos, por meio de seus métodos de ensino.

2.2 ALGUMAS DEFICIÊNCIAS ENCONTRADAS NAS ESCOLAS

São vários tipos de deficiências que podemos encontrar na escola, deficiências físico-motoras, cognitivas, mentais, entre outros e devido a esta realidade que temos hoje nas escolas, os professores precisam estar preparados para lidar com estes alunos e atuar com eles, sabendo a forma de encaminhamento para não prejudicá-lo, pois é um direito dele participar da aula, e um dever do professor orientá-lo e prepará-lo para a vida, pois a Educação Física além de praticar jogos, esportes, e brincadeiras também tem um dever de construção do ser humano, frente à cooperação, respeito, comportamento, e muito mais.

No caso da deficiência física, a Disreflexia Autonômica ou Hiperflexia Autonômica pode ocorrer em alunos com lesão medular. Alguns sintomas são dores de cabeça em marteladas, sudorese, manchas cutâneas, etc. que acompanham a hipertensão e queda na frequência cardíaca, que se não forem tratadas trazem vários riscos a saúde como perda de consciência, distúrbios visuais, crises convulsivas, em casos mais extremos podendo ocorrer óbito. (OKAMOTO, 1990).

As causas mais comuns da Disreflexia são: problemas urinários, especialmente bexiga cheia demais, infeccionada ou com pedras; dilatação do intestino causada por prisão de ventre; escaras ou áreas sob pressão exagerada. A disreflexia é uma emergência médica. Como prevenção em suas aulas o professor de Educação Física deve pedir ao aluno usuário de cadeiras de roda faça o esvaziamento da bexiga e intestino antes da aula. Observar os locais de maior contato com a cadeira de para ver se não há a formação de escaras. E ainda não exercer atividades na hora mais quente do dia, para que não haja complicações do tipo: febre e insolação.

No caso da deficiência mental, o aluno com Síndrome de Down, apresenta vários problemas associados, em destaque temos a instabilidade atlantoaxial (12 a 20%). É uma porcentagem baixa diante dos outros fatores, porém tem seu destaque em relação à Educação Física, pois se trata da instabilidade, sub-luxação ou deslocamento da primeira e segunda vértebras cervicais (C1 e C2), e é um fator predisponente a complicações neurológicas. (TEZZA, 1995).

Ao aluno com Síndrome de Down, recomenda-se a investigação com Raio-X lateral da coluna cervical em posição neutra, flexão e extensão dentro da máxima amplitude de movimento possível, antes de realizar atividades físicas. Algumas atividades de risco para estes alunos são: ginástica olímpica, salto em altura, nado golfinho, mergulho, alguns exercícios de aquecimento e esportes de contato direto. Estas recomendações são somente para os que sofrem de instabilidade atlantoaxial.

No caso da deficiência visual, que é mais difícil de encontrar nas aulas de Educação Física, observa-se como o aluno está familiarizado com o espaço escolar, inclinações de terreno, diferenças de piso, para que não agravem em maiores problemas como lesões e quedas. É importante a instrução verbal com este aluno, fazer com que ele entenda a proposta, sempre mostrando para ele o espaço, onde estão os objetos. Alunos de visão subnormal, com patologia de deslocamento de retina, não deverão fazer atividade física, pois há uma possibilidade de traumatismo na cabeça. (MELLO, 2004).

No caso da deficiência auditiva, sempre observar como está o aparelho adaptativo do aluno, se for o caso, se está bem regulado, se está limpo, as condições das pilhas, para que o aluno tenha entendimento, mas sempre se adequando a ele quando for preciso.

No caso de epilepsia, é preciso saber que ela não está necessariamente associada à deficiência mental ou outra deficiência, caracteriza-se pela existência de crises anômalas que tendem a repetir-se e que partem de descargas cerebrais patológicas. (CORDE, 1992).

São mais comuns as convulsões e as ausências. No caso de convulsões temos vários tipos, mas em destaque nos casos mais extremos notam-se movimentos violentos e descontrolados e perda da consciência. Nestes casos é instruído a não mexer na pessoa, a não ser que seja um local de risco, protegê-la contra ferimentos, mas não interromper os movimentos, tirando objetos de perto, não colocar nenhum objeto em sua boca para impedi-la de morder a língua. Em intervalos, virar levemente a cabeça para que a saliva saia da boca e não entre nos pulmões. Quando terminar a crise ela ficará confusa e sonolenta, então devemos colocar para dormir. (WERNER, 1994).

Nos casos de ausência, há uma parada das atividades. O olhar fica vago e não responde se lhe falamos, pode pestanejar, poucos minutos depois volta à atividade sem se dar conta.

Ao analisarmos a aprendizagem motora de um aluno com necessidades especiais, devemos observar durante todo o processo as habilidades cognitivas do aluno (atenção, memória, resolução de problemas, generalização da aprendizagem).

As dificuldades apresentadas no aprendizado de um movimento estão diretamente relacionadas ao tipo de deficiência do aluno. Dentro do processo de aprendizagem motora, pode-se analisar tudo que está ligado a isto, inclusive o interior da pessoa (órgãos dos sentidos, mecanismo perceptivo, mecanismo de decisão, mecanismo efetor, sistema muscular e circuitos de *feedback*). Deste modo, o aluno passa a ser visto como um processador de informações, um sistema que recebe, processa, transmite, armazena e utiliza informações. (PEDRINELLI, 1994).

Em suas aulas, o professor de Educação Física tem que observar em qual parte do processo o aluno está sendo prejudicado, seguindo o tipo de deficiência e utilizando métodos e estratégias que se adequam ao aluno, para este poder desenvolver os movimentos e tarefas motoras.

2.3 A INCLUSÃO

A inclusão no ambiente escolar é um tema muito recente que vem se expandindo cada vez mais, obtendo assim maior força e espaço nas escolas. Tem como base a igualdade de oportunidades, o convívio com as diversidades, a aproximação das diferenças, uma pedagogia voltada para o aluno, importando-se com suas capacidades e potencialidades, em detrimento de suas limitações.

Para Pedrinelli (2002, p. 54):

Participar de um processo inclusivo é estar predisposto, sobretudo, a considerar e respeitar as diferenças individuais, criando a possibilidade de aprender sobre si mesmo e sobre cada um dos outros em uma situação de diversidade de idéias, sentimentos e ações [...]

A inclusão é um processo amplo que precisa muito esforço para seu entendimento, devido às várias transformações, nos ambientes físicos, e na mentalidade da população, incluindo o aluno com deficiência. É por meio dela que se pode construir uma sociedade que aceite e valorize as diferenças, aprenda a conviver dentro da diversidade, através da compreensão e da cooperação.

Na escola, "pressupõe, conceitualmente, que todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares

onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente". (CARVALHO, 1998, p.170).

A escola como espaço inclusivo vem sendo tema para vários debates e reflexões. Este tema nos remete a questões físicas e atitudinais que norteiam o espaço escolar, pois irá abordar a sua arquitetura, engenharia, transporte, acesso, sentimentos, comportamentos, valores, etc. é um conjunto extremamente complexo a ser pensado e discutido em relação à inclusão do aluno com deficiência. A maior preocupação é como realizar esta inclusão de forma eficaz e correta.

Sabemos que muitos dos professores atuantes hoje, especificamente os de Educação Física, não receberam em sua formação o conteúdo necessário para realizar esta inclusão. Há também algumas escolas que não tem ainda este preparo para receber um aluno com necessidades especiais, tanto na relação de seu espaço físico, a formação de seus professores e até no preparo dos alunos para como agirem e aceitarem o colega com deficiência.

Segundo Bueno e Resa (1995), a Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência não se diferencia da Educação Física em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao indivíduo deficiente. É um processo de atuação docente com planejamento, visando atender às necessidades de seus educandos.

A Educação Física escolar se constitui em uma área de adaptação quando permite a participação de jovens e crianças em atividades físicas adequadas a suas possibilidades, fazendo com que sejam valorizados e integrem-se em um mesmo mundo. Ela enquanto adaptativa ao aluno com deficiência, possibilita a sua compreensão de capacidades, fazendo com que busque uma melhor adaptação (CIDADE e FREITAS, 1997).

Segundo Pedrinelli (1994, p. 69), "todo o programa deve conter desafios a todos os alunos, permitir a participação de todos, respeitarem suas limitações, promover autonomia e enfatizar o potencial no domínio motor". A autora ressalta que a escolha da atividade deve ser voltada em função da capacidade motora, idade cronológica e desenvolvimento intelectual.

Na escola, os alunos com deficiência podem participar das atividades das aulas de Educação Física, porém deve haver alguns cuidados e adaptações, principalmente nos conteúdos de jogos, as atividades devem ter um caráter lúdico e que a criança possa aprender a lidar com suas limitações. Os demais conteúdos da

Educação Física também podem entrar neste auxílio para o aprimoramento da personalidade dos alunos com necessidades especiais.

O importante é que o professor tenha conhecimento sobre seu aluno, tal como seu tipo de deficiência, idade que esta apareceu, se é gradativa, se é permanente, e como fazer para o aluno realizar as suas aulas. Também que este professor, conheça os aspectos do desenvolvimento humano (biológico; cognitivo; motor; interação social e afetivo-emocional) para poder trabalhá-los com os alunos em geral.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, pois é uma pesquisa que se aprofunda mais no assunto, tendo respostas mais claras e objetivas.

De acordo com Barros e Lehfeld (2000), a pesquisa de campo busca motivação no sentido de adquirir conhecimento necessário para aplicação de seus resultados, sendo assim seu objetivo é contribuir para fins práticos, visando à solução mais ou menos imediata do problema encontrado na realidade.

A pesquisa terá a abordagem qualitativa, que segundo Lüdke e André (2003), a pesquisa qualitativa trata da obtenção de dados descritivos, sendo obtidos no contato direto do pesquisador com o produto de pesquisa, aborda mais a o processo gerado do que o produto em si, e tem por finalidade retratar a perspectiva dos participantes.

O universo deste estudo foi constituído por professores de Educação Física das escolas do município de Araranguá – SC.

Em contato com a Gerência Regional de Educação de Araranguá (GERED), constatamos a existência de cinco escolas públicas estaduais no município, que possuem ensino médio. E em contato com a Secretaria Municipal de Educação constatamos a existência de quatro escolas públicas municipais, que oferecem somente ensino fundamental. Ambos com a presença de estudantes com deficiência.

Sendo assim, entrevistamos quatro professores de Educação Física, dois do ensino fundamental de duas das escolas municipais, e dois do ensino médio de duas das escolas estaduais.

A escolha dos professores se deu por trabalhar nas escolas que tinham maior número de alunos com deficiência. A primeira escola (E.E.B. Castro Alves) tem 80 alunos, a segunda (E.E.B. Bernardino Sena Campos) 14 alunos, a terceira (E.B.M. Jardim das Avenidas) 5 alunos e a quarta escola (E.B.M. Nova Divinéia) 5 alunos, perfazendo um total de 104 alunos.

Com o objetivo de coletar os dados da pesquisa, realizamos a entrevista com os professores, no período de 29 de outubro até 09 de novembro.

Para Lüdke e André (2003), a entrevista é o melhor método de comunicação, pois permite uma interação mais completa entre pesquisador e o pesquisado, e não só uma relação superficial.

O pesquisador ligou para os professores, agendou a entrevista e anotou as repostas, posteriormente digitou-as e por último agrupou-as para realizar a análise.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos neste capítulo os resultados das entrevistas aos professores de Educação Física, no sentido de alcançar o objetivo da pesquisa.

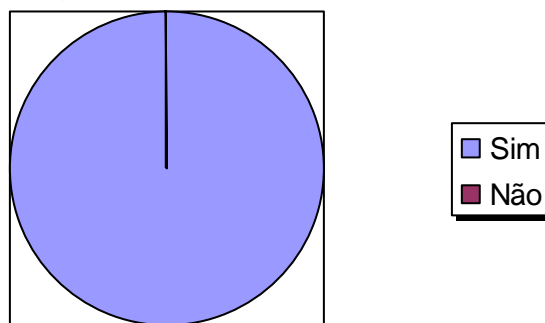
Quanto ao perfil dos professores identificamos o seguinte:

- dois do sexo feminino e dois do sexo masculino;
- três estão na faixa etária acima de 29 anos e um de 25 a 28 anos;
- três são efetivos e um é admitido em caráter temporário – ACT;
- três trabalham a mais de dez anos e um até dois anos;
- todos trabalham 40 horas semanais, sendo que um somente no ensino fundamental; um na educação infantil e ensino fundamental; um no ensino fundamental e médio e um na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.
- todos os professores cursaram Educação Física na UNESC, concluindo o curso em 1988, 1992, 1997 e 2008;
- três deles possuem especialização e um não e dois destes participam de formação continuada e dois não participam.

Destacamos que os dois professores, do sexo masculino, que não participam de formação continuada colaram o grau em 1988 e 2008, portanto um formou-se a 24 anos atrás e o outro a 4 anos atrás. Pareceu-nos estranho, um professor com tanto tempo de profissão não buscar atualização, considerando o contexto da escola, e o que se formou há menos tempo talvez seja porque ainda não sentiu necessidades, devido apenas dois anos de atuação.

Quanto a pergunta um percebemos que todas as escolas oferecem professor auxiliar, sendo que duas desde 2008, uma desde 2009 e uma desde 2002.

Figura 1 – Professor auxiliar



Fonte: Do autor.

Quanto ao seu relacionamento com os estudantes com deficiência três professores disseram que é normal, tem um bom relacionamento. Destacamos a fala

de um destes professores, *“O tratamento é igual porem logicamente se tratando de avaliação é necessário respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um”*. Um deles falou que é diferente, mas tem aspectos positivos, destacamos a fala do mesmo *“É diferente, mas é levado para o lado positivo, pois dependendo do aluno não tem como inseri-lo com a turma, mas sempre trago atividades de acordo com suas limitações”*.

Quando perguntado como a turma se relaciona com estes estudantes os quatro responderam que não há nenhum tipo de exclusão, sendo que um professor disse, *“Só houve um caso há certo tempo, mas em geral todos são muito aceitos pelos outros estudantes, todos respeitam e tratam normalmente”*, e outro professor disse que, *“Dentro do possível eles têm um bom relacionamento, tenho um exemplo de um aluno com deficiência mental leve, e quem se exclui das atividades são os próprios deficientes”*.

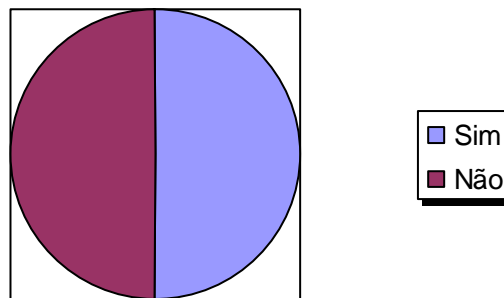
Na questão 4, onde foi questionado de que forma ele proporciona a inclusão dos estudantes deficientes, três responderam que sempre incluem nas brincadeiras, de acordo com seu ritmo, destacamos a fala de um professor: *“Oportunizando a eles as mesmas atividades que são aplicadas para os demais, logicamente respeitando suas limitações e ritmo de aprendizagem”*. Somente um disse que encontra dificuldades no ato de proporcionar a mesma brincadeira, *“Para deficientes físicos é mais complicado pelas condições que a escola oferece. Os demais tentamos fazer com que participem de maneira igual nas atividades”*.

Em relação às dificuldades encontradas para trabalhar com estes estudantes, os professores responderam que há dificuldade de incluí-los como membros atuantes na atividade, destacamos a fala, que a dificuldade é *“Conseguir incluí-los, logicamente como membros atuantes e críticos dentro das atividades propostas”*, e um professor falou sobre o conhecimento na área, destacamos a fala, *“Falta de conhecimento específico, apesar de ler e me interessar sobre eles, faço de acordo com que acho que é, e não o que está escrito em algum livro”*.

Quanto questionado sobre a preparação para trabalhar com alunos deficientes, em relação à formação acadêmica (graduação), cursos de capacitação, formação continuada, dois professores responderam que se sentem preparados devido a convivência e interesse pelo assunto, mas não tiveram nenhum tipo de formação na faculdade, destacamos a fala, *“Estou preparada, mas porque fui atrás, estudei e me interessei pelo assunto, não me lembro de ter tido nada sobre este*

assunto na faculdade e acho que poderia fazer melhor ainda". Já os outros dois disseram que ainda não se sentem preparados, e destacam a importância da formação continuada, destacamos a fala, *"Cada aluno com deficiência que recebemos é diferente do outro, por isso deveríamos ter formação continuada sempre, principalmente para podermos trocar informações e experiências com outros colegas, o que não ocorre nunca. Nenhum tipo de formação"*.

Figura 2 – Preparação, formação acadêmica.



Fonte: Do autor.

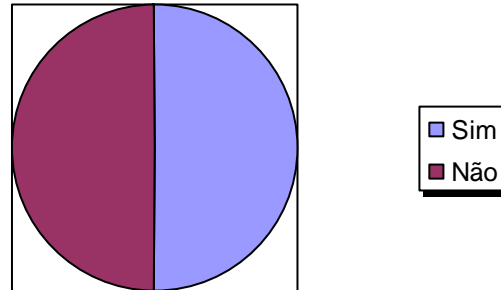
Em relação a infra-estrutura adequada e acessibilidade que a escola oferece, dois responderam que possuem rampas e banheiros adaptados, destacamos a fala, *"Sim, tem bastante acessibilidade por toda a escola com rampas e banheiros adaptados"*. Outro professor fala que não oferece completamente, disse que, *"De forma geral, tem rampas e apoios para banheiro, mas para ir para o ginásio não tem"*. E um relatou que não tem nenhum tipo de acessibilidade, disse *"Para nenhum tipo de deficiência"*.

Quando perguntamos se teriam algumas atividades/possibilidades para recomendar para os colegas da área, três professores falaram da importância do respeito entre eles e sempre fazer alguma atividade com eles, destacamos a fala, *"Sempre trabalhar o respeito entre os alunos, sempre realizar alguma atividade não o deixando parado, teve casos de a turma se interessar pela atividade do aluno deficiente e largar a bola"*. Um não soube apresentar, disse *"Difícil apresentar, pois cada aluno é diferente do outro, é por isso que penso que a formação continuada é importante"*.

Quando questionado se achavam que estes estudantes devem estar no ensino regular e se percebem aprendizagem e desenvolvimento deles, dois responderam que sim, e falam da parte do aluno neste quesito, destacamos a fala *"Há aprendizagem, porém um pouco mais lenta, e há um pouco de preguiça por parte dos alunos em alguns casos"*. Já os outros dois disseram que não devem estar

no ensino regular, devido as condições apresentadas das escolas e a capacitação dos professores, destacamos a fala, *“Se fossem dadas as devidas condições sim, mas na forma que se apresenta hoje fica bem difícil”*.

Figura 4 – Aprendizagem e desenvolvimento



Fonte: Do autor.

Na última questão, deixamos a palavra aberta para outros registros. Somente dois quiseram complementar as suas respostas, e um professor relatou que *“O trabalho poderia ser de melhor qualidade se oferecessem cursos para os professores, pois se não formos atrás não temos o conhecimento”*, e o outro relato foi referente a política educacional brasileira: *“Traçando um comparativo com o mercado de trabalho em nosso país o sistema de ensino está se desencaminhando de sua meta, ou seja, se a vaga de trabalho vai ser para “o melhor” candidato, por quê? O ensino do Brasil quer transformar os alunos em “robôs”, simplesmente todos com os mesmos méritos e aptidões. Parece-me uma maneira utópica de conduzir o sistema de ensino”*.

Analisando as respostas percebemos varias dificuldades para incluir os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, tais como, falta de conhecimento específico, falta de acessibilidade nas escolas, diversidade de deficiências, falta de formação continuada, conseguir incluí-los efetivamente nas atividades propostas.

Quanto às possibilidades de inclusão dos alunos, os professores destacaram o respeito entre os alunos como premissa básica, e sempre possibilitar ao aluno deficiente alguma atividade mantendo-o ativo em sua aula.

Quanto ao preconceito não identificamos em nenhuma turma, os alunos já estão familiarizados com os deficientes.

Quanto ao relacionamento do professor com aluno deficiente, percebemos que há um bom relacionamento, no entanto é diferenciado pela atenção necessária para estes estudantes.

O que muito nos chamou atenção, foi o destaque feito pelos professores quanto à falta de formação continuada, bem como não tinham o conhecimento específico, sendo que desde 2003 a matriz curricular do curso de licenciatura em Educação Física, contempla a disciplina de educação especial, ou similar.

Entendemos que os professores, bem como os colegas de turma se esforçam no sentido de proporcionar a inclusão mesmo que ela seja limitada.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho foi realizado para aprofundar o conhecimento sobre inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, tema que me chamou muito atenção devido às experiências vividas nas aulas de estágio obrigatório do Curso de Educação Física.

Acreditamos que o conhecimento não se esgota, é inacabado, sempre está em construção, por isso a contribuição com este trabalho, o qual teve seus objetivos alcançados, por meio do aprofundamento teórico e da parte empírica resultante das respostas dos professores às perguntas da entrevista.

Entendemos que na escola temos estudantes com vários tipos de educação, cabendo ao professor, equipe diretiva e a família um trabalho integrado para formação do cidadão, preparado para atuar e contribuir na transformação da sociedade.

Em se tratando da inclusão e dos diferentes, a ideia é buscar que os estudantes compreendam que cada ser é único e diferente, que todos tem os mesmos direitos e deveres e que todos têm capacidades, independente das suas limitações.

Como principais resultados da pesquisa, destacamos as dificuldades para inclusão dos estudantes nas aulas de Educação Física apontadas pelos professores:

- Falta de conhecimento específico na formação/graduação;
- A acessibilidade, pois as escolas ainda não conseguiram melhorar a acessibilidade para os estudantes dificuldades de mobilidade;
- Falta de cursos de formação continuada, todos dizem da extrema importância, mas há um déficit quanto a cursos de extensão ou especialização na área da educação inclusiva.
- Diversidade de deficiências dos estudantes.

Às possibilidades de inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física citadas pelos professores foram poucas, se referindo principalmente ao respeito entre os alunos como premissa básica, e sempre possibilitar ao aluno deficiente alguma atividade mantendo-o ativo em sua aula.

Tendo em vista de que a formação continuada foi uma das dificuldades maiores e apontadas por todos os professores, apresentamos como proposição encaminhar para a coordenação do Curso de Educação Física a sugestão de

oferecer cursos de extensão ou especialização, juntamente com outros cursos da Unidade Acadêmica, sobre a educação inclusiva. E ainda que seja formado um grupo de estudo no curso para discutir a educação inclusiva nas escolas. Que os professores interessados em discutir sobre educação inclusiva formem um grupo de estudos das escolas de Araranguá.

Finalizamos o estudo, mas continuamos com várias perguntas o que nos move a continuar aprofundando a temática e buscando colegas para realizar o debate acerca da inclusão na escola.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aidin de Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 05 maio 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 05 maio 2012.

BUENO, S. T.; RESA, J.A.Z. **Educacion Fisica para niños y niñas com necesidades educativas especiales**. Malaga: Ediciones Aljibe, 1995.

CARVALHO, Rosita Edler. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA 1998.

CIDADE, Ruth. Eugenia; FREITAS, Patrícia Silvestre. **Educação Física e Inclusão: Considerações para a Prática Pedagógica na Escola. Integração – Mec**. Disponível em: < <http://www.rc.unesp.br> >. Acesso em: 10 maio 2012.

CIDADE, Ruth. Eugenia; FREITAS, Patrícia Silvestre. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência**. Uberlândia, 1997.

CORDE. **Escola para todos**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, 1992.

Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais. Salamanca, Espanha 1994. Disponível em: <<http://redeinclusao.web.ua.pt>>. Acesso em: 05 maio 2012.

LUDKE Menga; ANDRÉ, E. D. A. Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

MELO, José Ferreira. O ensino de Educação Física para deficientes visuais. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2004.

OKAMOTO, Gary. **Medicina Física e Reabilitação – Princípios Básicos**. São Paulo: Manole 1990

OLIVEIRA, Flavia Fernandes. **Dialogando Sobre Educação, Educação Física e Inclusão Escolar**. Disponível em: < <http://cev.org.br> > Acesso em: 10 maio 2012.

PEDRINELLI, Verena Junghaknel. **Possibilidades na diferença**: o processo de inclusão, de todos nós. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Revista Integração. Ano 14, Edição Especial, 2002.

PEDRINELLI, Verena Junghaknel. Educação Física Adaptada: Conceituação e Terminologia. In: Educação Física e Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência. Brasília: MEC-SEDES, SESI-DN, 1994, p. 7-10.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão. **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: o paradigma do século 21. *Revista Inclusão*, Ano I, nº. 01, p.19-23, outubro de 2006.

SEABRA JUNIOR, Luiz; ARAÚJO, Paulo Ferreira. Educação Física e Inclusão: Considerações Sobre a Ação Docente no Ambiente Escolar. Disponível em: < <https://docs.google.com> >. Acesso em: 10 maio 2012.

SEYBOLD, Annemarie . **Educação Física Princípios Pedagógicos**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1994.

TEZZA, E. M. A . **O que é Síndrome de Down**. Texto Didático, UFPR, Curitiba, 1995.

WERNER, David. **Guia de Deficiências e Reabilitação Simplificada**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, 1994.

APÉNDICE(S)

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TEMA: Inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de educação física: dificuldades e possibilidades

OBJETIVO GERAL DA PESQUISA: Verificar as dificuldades e possibilidades para a inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Identificar as formas de inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física; Verificar como o preconceito em relação aos estudantes com deficiência estão presentes nas aulas de Educação Física; Investigar a relação professor e aluno com deficiência nas aulas de Educação Física. Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidências científicas para formação de professores.

Será aplicado um questionário contendo, com os pesquisados, sendo o pesquisador a orientanda.

Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.

Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com a professora coordenadora da pesquisa, professora Robinalva Ferreira, pelo telefone 48-9978-5727 ou pelo endereço eletrônico rfe@unesc.net e com o orientando César Augusto Búrigo pelo telefone 48 9901-8160 ou pelo endereço eletrônico cesarburigo@hotmail.com.

O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.

Caso concorde em participar desta pesquisa realizando a entrevista, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Prof^a. Ma. Robinalva Ferreira
Coordenadora da pesquisa

Orientando César Augusto Búrigo
Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo “**Inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de educação física: dificuldades e possibilidades**” e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado (a)

Data: ____/____/____

APÊNDICE B
ROTEIRO DA ENTREVISTA COM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
MUNICÍPIO DE ARARANGUÁ

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARIENSE – UNESC

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ACADÊMICA: CÉSAR AUGUSTO BÚRIGO

ORIENTADORA: PROFESSORA MESTRA ROBINALVA FERREIRA

TEMA DO TRABALHO: Inclusão dos Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física: Dificuldades e Possibilidades

Por gentileza responda as questões, pois estará assim contribuindo para o desenvolvimento da ciência. Lembramos que não serão identificados.

Perguntas:

- 1) A escola oferece o professor auxiliar para as turmas que possuem estudantes com deficiência? () sim Desde que ano_____ () não
- 2) Como é seu relacionamento com os estudantes com deficiência? É diferente dos demais?
- 3) Como a turma se relaciona com estes estudantes? Existe preconceito?
- 4) De que forma você proporciona a inclusão dos estudantes deficientes?
- 5) Quais as dificuldades encontradas para trabalhar com estes estudantes?
- 6) Você se sente preparado para trabalhar com alunos deficientes? Formação acadêmica (graduação), Cursos de capacitação, formação continuada....
- 7) A escola oferece infraestrutura adequada, acessibilidade.
- 8) Quais as atividades/possibilidades que você recomendaria para os colegas da área trabalhar com estudantes deficientes. Experiências positivas.
- 9) Você entende que estes estudantes devem estar no ensino regular? Você percebe aprendizagem, desenvolvimento deles?
- 10) Palavra aberta para outros registros.

IDENTIFICAÇÃO

Sexo() feminino () masculino

Idade () até 24 anos () 25 a 28 anos () acima de 29 anos

Professor () Efetivo () ACT

Trabalha há quanto tempo ?

() até dois anos () de 2 a 5 anos () de 5 a 10 anos () mais de 5 anos

Quantas horas semanais _____

Trabalho com quais níveis de ensino?

() ensino infantil () ensino fundamental () ensino médio

Ano de conclusão do curso de Educação Física _____

Em qual Universidade?

Possui especialização, mestrado ou doutorado?

Participa de formação continuada? () sim () não

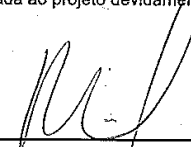
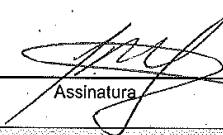
ANEXO(S)

ANEXO A



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES		2. Número de Sujeitos de Pesquisa: 4	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ROBINALVA BORGES FERREIRA			
6. CPF: 568.957.200-49		7. Endereço (Rua, n.º): UNIVERSITARIA 1/9999 UNIVERSITARIO 1105 CRICIUMA SANTA CATARINA 88806000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRA		9. Telefone: (48) 3431-2611	10. Outro Telefone:
		11. Email: rfe@unescc.net	
12. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>24/09/2012</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Universidade do Extremo Sul Catarinense		14. CNPJ: 83.661.074/0001-04	15. Unidade/Órgão:
16. Telefone: (48) 3431-2723		17. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta Instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Joni Marcos Da Feres</u>		CPF: <u>789.196.579-04</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenador Curso Educação Física</u>			
Data: <u>24/09/2012</u>		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			